

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

RELAÇÕES DO HOMEM COM O MUNDO NATURAL: O  
ZOOLOGICO PARQUE DO SABIÁ NA CIDADE DE  
UBERLÂNDIA-MG (1982-1992)

FABIANA GOMES PIERINI

FABIANA GOMES PIERINI

RELAÇÕES DO HOMEM COM O MUNDO NATURAL: O  
ZOOLOGICO PARQUE DO SABIÁ NA CIDADE DE  
UBERLÂNDIA-MG (1982-1992)

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Hermetes Reis de Araújo.

Uberlândia, Junho de 2004

Pierini, Fabiana Gomes, (1978).

Relações do homem com o mundo natural: o zoológico Parque do Sabiá na cidade de Uberlândia-MG (1982-1992)

Fabiana Gomes Pierini – Uberlândia, 2004.

49 fl

**Orientador: Hermetes Reis de Araújo**

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

História, meio ambiente, zoológico.

FABIANA GOMES PIERINI

RELAÇÕES DO HOMEM COM O MUNDO NATURAL: O  
ZOOLOGICO PARQUE DO SABIÁ NA CIDADE DE  
UBERLÂNDIA-MG (1982-1992)

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Hermetes Reis de Araújo - orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Gizelda Costa da Silva Simonini

---

Prof. Ms. Sérgio Paulo Morais

*Aos meus pais, Valter e Dulce*

*Agradeço,*

*mais uma vez aos meus pais Valter e Dulce pelo investimento financeiro e cultural em todos os anos da minha formação intelectual e acadêmica. Todo apoio e crédito num futuro profissional e pessoal de satisfação, orgulho e felicidade.*

*Ao Valter, meu pai, agradecimento especial pelas sempre bem organizadas traduções de textos em língua francesa pela qual também sinto prazer em ouvir e ler.*

*À Dulce, minha mãe, por me presentear com livros desde a infância e pelo carinho sempre, mesmo à distância, me proporcionando a sensação de não estar sozinha.*

*Às minhas irmãs Luciana e Mariana que também investiram e foram pacientes com minhas crises vocacionais que prolongaram minha vida acadêmica e retardaram minha entrada no “mundo do trabalho”.*

*À Yara, futura cientista social, que me ensinou a ser mais sensível, obrigada pelo carinho e incentivo, pela companhia da Mafalda, do Fernando Pessoa, do Bob Dylan, do Dalí e da Nix apresentados em momentos decisivos, proporcionando lazer e distração. Pelo dicionário da Língua Francesa, pelo gravador, pelas fotos na visita ao zoo e acima de tudo pela paciência, atenção e tranqüilidade ao telefone nessa “ausência assimilada” desde novembro de 2002.*

*Aos companheiros de república com os quais dividi cotidianos: Fabrício, Fernanda, Roberta, Marthaísa, Arnaldo, Aninha e à companheira e amiga dos últimos tempos Berta Hira, que dividiu além do cotidiano as angústias do “final”, as expectativas do futuro profissional e as “teorias sobre o amor”.*

*À bióloga Fernanda, pela descoberta juntas do mundo universitário, que nos proporcionou tantos diálogos e experiências.*

*Ao amigo Rodrigo, por ter dividido as angústias da Licenciatura, as alegrias das “baladas” e por todas as “terapias” que fiz com você.*

*Aos colegas de curso, que ficarão para sempre na lembrança; ao amigo ecólogo e futuro arquiteto Evandro Retamero; à amiga do curso de medicina veterinária Carla Ângelo por ter disponibilizado tantas vezes e tão gentilmente sua casa e seu computador; à amigona Mariana Soldi pelo carinho; à amiga Luana Bittar que também acredita em melhorias na relação homem-animais, e à todos os outros amigos que participaram de alguma maneira da elaboração dessa pesquisa e da minha vida em Uberlândia.*

*Agradecimento especial ao Eduardo Beviláqua, Chico do zoológico, Marlene Colesanti, e todos que testemunharam experiências e informações sobre o zoológico e sobre a questão do meio ambiente na cidade.*

*Ao meu orientador e amigo Hermetes pelo crédito e incentivo na escolha do tema e pelos planos intelectuais que espero corresponder um dia.*



<http://www.animalsvoice.com/HOUSE/archive/zoos/zoo54jpg>

## **Zoo**

(André Abujamra/ Theo Verneck)

Oi / como que ce ta?  
Eu não to legal aqui nesse lugar

Oi / comment allez vous?  
Eu sou o gorilla / preso aqui no zoo

Quanta criança meu Deus / comendo  
cachorro-quente / só elas entendem a dor que  
um coração sente / minha macaca se foi /  
minha esperança também / vocês me olham e  
eu olho vocês .

Zôo/Zôo/Zôo/ Sá tatu /tu / do /zôo / homem  
nu

Oi / como que ce ta ?/ Eu não to legal aqui  
nesse lugar/  
Hi / How are you ? / Eu sou o leão / preso  
aqui no zoo/  
Eu era o rei na floresta / agora nada me resta/  
vou ficar para sempre preso aqui / Ficam me  
fotografando / Acham que estou gostando /  
mas minha alma não sabe sorrir.

Zôo/Zôo/Zôo/ Sá tatu /tu / do /zôo / homem  
nu

Oi / como que ce ta ?/ Eu não to legal aqui  
nesse lugar/  
Oi / como é que tá tu ? / Eu sou uma arara /  
Preso aqui no zôo / minha plumagem é linda /  
mas por dentro estou cinza / Quero voltar  
voando pra casa / nem todo bicho é preso / e  
de invejar quase morro / Por que não  
prendem o gato e o cachorro?

Tira os bichos do zôo / Tira os bichos do zôo  
Põe o homem na jaula / Põe o homem nu.

Cd “Estamos adorando Tóquio” – KARNAK

## SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO .....	9
II. UMA VISÃO GERAL DE ZOOLOGICOS .....	14
III. O ZOOLOGICO PARQUE DO SABIÁ .....	25
IV. CONCLUSÃO.....	38
V. BIBLIOGRAFIA.....	42
a)- Livros, artigos e teses .....	42
b)- Jornais, revistas e outros documentos .....	43
c)- <i>Sites</i> .....	46
VI. ANEXOS.....	48

## RESUMO

Essa monografia busca esclarecer como se processam as relações do homem com o mundo natural através da análise do objeto zoológico na cidade de Uberlândia-MG (1982-1992). A falta de arquivo desse equipamento urbano, determinou a pesquisa em imprensa e a busca de relatos orais para construção de uma história do zôo desde sua fundação.

A relação do poder público com as questões da natureza na cidade foi encarada como influente na relação das pessoas com os animais, ou seja, por não ter havido desde sua construção, um planejamento ambiental para o zoológico, com estrutura de recintos e orientação de visita adequadas, este adquiriu um caráter mumificado em relação ao seu papel social, não priorizando a educação ambiental, a preservação de espécies, tão pouco a o bem estar animal.

Nesse sentido, a História apresenta-se como importante elemento de análise, propondo, com metodologia transdisciplinar, as reflexões sobre o zoológico enquanto um dos mediadores das relações que a humanidade estabeleceu para com o mundo natural e para com os animais até os dias de hoje.

## I. INTRODUÇÃO

“O predomínio do homem sobre o mundo animal e vegetal foi e é afinal de contas, uma pré-condição básica da história humana. A forma como ele racionalizou e questionou tal predomínio constitui um tema vasto e inquietante, que, nos últimos anos, recebeu bastante atenção por parte de filósofos, teólogos, geógrafos e críticos literários. O assunto tem igualmente muito a oferecer aos historiadores, pois é impossível desemaranhar o que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e os animais daquilo que elas pensavam sobre si mesmas.”

Keith Thomas

A relação contemporânea do homem, com o mundo natural, é notavelmente, problemática e complexa. Ir descansar em áreas verdes ou visitar o zoológico aos domingos, por exemplo, não tem mais e tão somente a representação distanciada e romântica do passado mas é, em nossos dias, significativo reflexo do respeito ou descaso que se tem com o meio ambiente.

Para discorrer sobre esse assunto, o zoológico do Parque do Sabiá na cidade de Uberlândia é o objeto-tema dessa monografia por onde será possível compreender a importância de historicizar as atitudes do predomínio humano sobre os animais, assim como refletiu o historiador Keith Thomas na epígrafe acima.

Em seu livro “O homem e o mundo natural”<sup>1</sup> Thomas valoriza a visão histórica e a aproximação das ciências humanas com a natureza ao relatar as mudanças de comportamento e pensamento dos ingleses para com as plantas e os animais na era moderna, de 1500-1800, analisando tais comportamentos como espelhos das próprias estruturas sociais.

Ao encararmos o objeto zoológico como uma prática social que mantém animais em cativeiro, cujos cuidados são indicativos do modo como a sociedade e seus poderes percebem a natureza – o mundo natural - é preciso analisar quais foram os processos de

estruturação da “coleção animal”, qual a função esperada para ela, em que tipo de política está pautada e, indubitavelmente, que tratamento os animais receberam dos órgãos responsáveis e da sociedade para assim, montarmos um panorama crítico coerente que determinará conclusões sensatas.

A natureza, o meio ambiente, a flora, a fauna, a ecologia, muitas vezes na história da humanidade foram considerados categorias de análise exteriores aos fatos significativos para os estudos sociais. Tais categorias ganharam destaque e atenção enquanto ciência principalmente por causa dos avanços da biotecnologia, convidando a reflexões devido ao seu valor histórico, econômico, filosófico e sociológico.

Pelo menos no que diz respeito aos animais têm avançado as tentativas de perpetuação de espécies em risco de extinção e aumento da qualidade de vida dos recintados através da máxima naturalização dos recintos, desenvolvimento de biotécnicas de reprodução assistida e obtenção de bancos de germoplasma para reserva genética de espécies ameaçadas<sup>2</sup> que infelizmente não têm mais habitat nem comportamento instintivo para a vida livre e se extinguem num ritmo de dez espécies por ano segundo estimativas da World Resources Institute, IUCN Red List, Megadiversity Conservation International e GEO-3 (veja sites em Bibliografia) divulgadas na Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+10) realizada em Johannesburgo no ano de 2002.<sup>3</sup>

Em função disso, muitos zôos têm objetivado seus trabalhos para tornarem-se arcas de Noé do futuro e pesquisas importantes têm conseguido até a clonagem de espécies em risco.<sup>4</sup> São dados que evidenciam uma preocupação com o mundo natural e trazem em pauta a necessidade ecossistêmica e histórica da presença de outros animais além dos humanos no mundo.

---

<sup>1</sup> THOMAS, K. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

<sup>2</sup> RODRIGUES, B.A. ; RODRIGUES, J.L. *Histórico, avanços e aspectos éticos das biotécnicas de reprodução*. Rev. Bras. Reprod. Anim., v.24, n.1, p.10-17, jan./mar. 2000.

<sup>3</sup> LOVEJOY, T.E. *A pobreza das espécies*, Rev. Super interessante, 24 agosto de 2002 Especial 5.

<sup>4</sup> No Estado de Iowa nos EUA a empresa Advanced Cell Technology tentou através das técnicas de clonagem o nascimento de um gauro – parente do búfalo – gestado no útero de uma vaca . Pandas e tigres de Sumatra são espécies que interessam ao laboratório nessa investida da ciência . *Revista Veja* , 18 out , 2000.

Sendo assim, a dimensão social dos conteúdos científicos é capaz de criar novas realidades competentes para engendramos novos valores propiciando subjetividades ativas no sentido mesmo de sujeitos-históricos.

*“ A natureza voltou a levantar questões ao invés de solucioná-las. Em outras palavras , as questões da natureza não têm relação com a exterioridade , com a selvageria , mas com uma extensão da intervenção humana sobre os não-humanos, intervenção explicitamente política e não mais dissimulada como antigamente (...) os negócios da natureza atualmente fazem parte de uma categoria muito estranha que é a da incerteza em relação à ordem dos seres e sua importância .”<sup>5</sup>*

Um exemplo desse tipo de questionamento é se a população uberlandense aceitaria que se reestruturasse o zoológico pelo bem dos animais e para o melhor desempenho das suas funções, mediante a cobrança de alguma taxa ou ingresso, a visitação fosse permitida.

A história do zoológico Parque do Sabiá não se dissocia da história da cidade de Uberlândia, do envolvimento da natureza com a política e acima de tudo da categoria linguagem entre humanos e não-humanos numa relação de dominantes e dominados que o social fecundou no natural engendrando recintos para a exposição do exótico com coleções de seres vivos que não desfrutam mais dos requisitos de proteção e reprodução em seus papéis ecológicos.

Todavia, é necessário esclarecer que também está em jogo nessa história a simbologia cultural do zoológico, ou seja, ele é um equipamento social capaz de transmitir lazer, educação, conhecimento, prazer e cidadania tanto quanto o teatro, o cinema, o estádio de futebol, a biblioteca, cujo Estado teria o dever de oferecer à população da mesma maneira que essa, exigir de seus representantes.

Nesse sentido, a pesquisa tem metodologia transdisciplinar, que em linhas gerais significa a transposição das barreiras disciplinares,

*“numa nova forma de se conceber a relação entre ciência e cultura, ciência e linguagem onde as próprias delimitações dos campos científicos serão colocadas em questão (...)*

---

<sup>5</sup> LATOUR , B. *A ecologia política sem a natureza?*. Proj. Hist.; São Paulo, p. 33, nov, 2001.

*alimentando-se assim uma concepção de ciência que se coloca para além das práticas de dominação. Resistir às estratificações do poder -estar para além das disciplinas- não significa encontrar um conhecimento que não esteja submerso nos interesses das práticas políticas. ”<sup>6</sup>*

Portanto, os objetivos desse estudo histórico são, em linhas gerais, o indicativo de que o zoológico desde sua criação junto com o Parque do Sabiá realmente pode ser considerado um espelho do panorama político da cidade de Uberlândia que afeta também o panorama social, condicionando a representação da natureza como alheia ao segmento cultural, fato verificado de forma ampla no Brasil, e acima de tudo a preocupação em destacar nas ciências humanas a relevância dos temas ditos ambientais.

Meu interesse pelo objeto zoológico surgiu dos passeios no Parque e das visitas curiosas que fiz quando me mudei para Uberlândia. Por ser também estudante de medicina veterinária, interessou-me a situação aparentemente precária dos recintos e a proximidade desses com a rodovia BR-050, causadora de stress aos animais. Sensibilizada com a relação visivelmente despreocupada perante o mundo animal, comecei a indagar quais processos teriam contribuído para tal configuração.

Minhas buscas iniciais foram na imprensa escrita onde encontrei reportagens sensacionalistas que exaltavam a figura do homem público Virgílio Galassi, prefeito preocupado com o lazer da classe “pobre” e trabalhadora da cidade construindo nesse intuito o Parque do Sabiá em 1982. Recolhi reportagens que pouco falavam sobre o zoológico e, como a secretaria desse não possuía arquivo de dados da época de inauguração, comecei um trabalho de busca em órgãos da própria Prefeitura incluindo a FUTEL, fundação mantenedora do Parque, do turismo, do esporte e do lazer da cidade.

Dificuldades passadas, elegendo referenciais bibliográficos diversos sobre o assunto, sondei testemunhos orais com os quais obtive dados pouco precisos. Fazendo trabalho de campo, observava a reação das pessoas frente aos recintos na tentativa de detectar um pouco da sensibilidade dessas enquanto sociedade. Continuei por mais um tempo o trabalho nos arquivos Público e CDHIS<sup>7</sup> até chegar no relato oral do médico

---

<sup>6</sup> GONDAR, J. *Ciências humanas e transdisciplinaridade: a relação da ciência com a linguagem*. Revista: História & Perspectivas, Uberlândia, (25 e 26): p.96, Jul./Dez.2001/Jan./Jul.2002

<sup>7</sup> Centro de Documentação e Pesquisa em História do INHIS da Universidade Federal de Uberlândia.

veterinário que atuara durante os anos de 1986 ao final de 1988 durante a gestão do prefeito Zaire Rezende, o secretário de Meio Ambiente 2004 , Eduardo Beviláqua que concedeu-me importante entrevista cujas informações alavancaram minha pesquisa.

As dúvidas em transpor barreiras disciplinares me acompanharam por um bom tempo porém, os encontros de orientação à pesquisa me davam segurança e incentivo para seguir nesse caminho “novo” da ligação história e meio ambiente.

Cuidar do zoológico Parque do Sabiá na cidade de Uberlândia é, no limite, dar um passo à frente para uma “nova” responsabilidade em relação ao meio ambiente e aos animais. Seu “estado” atual é indicativo do modo pelo qual esta sociedade, poder público e cidadãos, se relacionam – vêem, percebem – a natureza e seus mediadores, necessitando de um trabalho urgente de sensibilização para com os animais e, em seguida, para com o mundo natural em geral.

A temática será desenvolvida em dois capítulos, sendo a visão geral de zoológicos e seus principais argumentos funcionais precedida do enfoque local, em que, o zôo Parque do Sabiá será analisado por parâmetros históricos, políticos e ambientais.

## II. UMA VISÃO GERAL DE ZOOLOGICOS

Os questionamentos sugeridos pela temática jardim zoológico são tributários de reflexões acerca dos limites entre natureza e cultura, animalidade, domesticação, representação, história, filosofia e preservação, que focalizam de maneira mais ampla a relação do homem com o mundo natural demandando a renovação do pensamento crítico ambiental que também é cultural.

Sendo assim, não se trata de antropocentrismo nem de misantropia, mas uma tentativa de expansão do universo das ciências humanas capaz de interpretar a simbologia do zoológico enquanto espelho da sociedade e da cultura .

Antes de analisar o zoológico em seus objetivos e funções, é importante lembrar que os animais selvagens no ocidente foram vítimas da expansão demográfica e urbana que limitou seus habitats e comportamentos. Foram caçados, temidos, colecionados, aprisionados, agredidos, comidos, adestrados, exibidos. Enfim , provocaram nos humanos diferentes sensações e emoções que moldaram a forma de dominação exercida e conseqüentemente a forma de relacionamento .

Já mencionavam o antropólogo Radcliffe-Brown e o historiador Keith Thomas que aquilo que os homens pensam e fazem pelos outros animais e pela natureza é reflexo daquilo que pensam e fazem entre eles próprios na sociedade.

“... como dizia Radcliffe-Brown , através do seu discurso , do saber naturalista de uma sociedade . Este saber mostra a percepção que uma sociedade tem do mundo animal , das relações aí existentes e das que mantém com o resto dos seres vivos . A este saber correspondem as relações dos homens entre si na sociedade considerada .”<sup>8</sup>

Paralelamente, as tentativas de determinar os limites da singularidade e superioridade humana classificavam os homens como “...animal político ( Aristóteles ) animal que ri ( Thomas Willis ) animal que fabrica seus utensílios ( Benjamim Franklin )

---

<sup>8</sup> BARRAU, Jacques. *Animal*. Enciclopédia Einaudi. v.16. Homo-Domesticação, Cultura Material. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989, p. 230.

animal religioso ( Edmundo Burke ) e animal que cozinha ( James Burke antecipando Lévi-Strauss )”<sup>9</sup> ou seja , a animalidade sempre foi uma categoria inferior .

Segundo dados do livro *Zôos – histoire des jardins zoologiques en occident (XVI – XX siècle)* dos franceses Eric Baratay e Elisabeth Hardouin-Fugier<sup>10</sup> o fascínio pelo selvagem manifesta-se em estatísticas de visitantes como uma constante na vida das pessoas (europeus). Na França 24% dos habitantes vão ao zoológico pelo menos uma vez ao ano, número superior aos 17% que praticam esportes, 12% que vão ao teatro e 2 a 12% que vão a concertos ou apresentações musicais; de maneira indireta 49% dos habitantes vão ao cinema, 30% visitam monumentos históricos e 28% vão a museus. Já na Alemanha os zoológicos são mais visitados que os museus, os teatros e os estádios. No Canadá os zôos têm duas vezes mais visitantes que os museus e três vezes mais que os freqüentadores de bibliotecas.

No Brasil não é do meu conhecimento esse tipo de pesquisa mas, sabemos que a natureza também exerce seu fascínio porém em caráter de fuga dos ritmos urbanos e cotidianos acelerados. Em Uberlândia, muitos procuram o Parque do Sabiá como mediador de interiorização e relaxamento e sequer deslocam-se até o zôo para um contato com a fauna silvestre. Além disso, sabemos também que menos de 50% da população uberlandense têm acesso à cidadania cultural, ou seja, freqüentam cinemas, museus, teatros, bibliotecas; talvez o esporte seja atrativo maior e receba valorização superior, inclusive porque os dirigentes responsáveis da Prefeitura sempre tenham investido mais nesse segmento.

Para o historiador Keith Thomas<sup>11</sup>, o dilema humano entre a conquista e a preservação de animais selvagens sofreu significativa mudança a partir do século XVIII. Os ingleses redefiniram seu relacionamento com outras espécies e com o mundo natural até porque desde o século XVI a matança de muitos animais foi preconizada pelo prazer muito mais que pela necessidade.

---

<sup>9</sup> BARRAU, Jacques. Animal. Enciclopédia Einaudi. v.16. Homo-Domesticação, Cultura Material. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989, p. 228.

<sup>10</sup> BARATAY, E.; HARDOUIN-FUGIER, E. *Zoos histoire des jardins zoologiques en occident, XVI-XX siècle*. Paris: la Découverte, 1998, p. 9.

<sup>11</sup> THOMAS, K. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Atos legislativos nos primeiros tempos da Dinastia Tudor autorizavam a predação de animais que “aborreciam” a humanidade e muitas paróquias remuneravam a perseguição de raposas, gaviões, águias, martim-pescador. Eram oferecidos banquetes com aves selvagens; destruir ninhos e ovos era considerado esporte e, além dessas práticas diretas, a expansão da ocupação humana, a derrubada de florestas para a agricultura e a poluição de rios são exemplos da ação indireta na diminuição crônica da vida selvagem.

Porém, desde os séculos XII e XIII existia uma necessidade de conservação de algumas espécies através de medidas artificiais como os parques reais e privados, valorizando a prática da caça e estimulando o exótico em forma de presentes, sendo também demonstração de coragem lutar contra os bichos cativos.

As *menageries* ou “casa dos bichos” foram em princípio estruturadas pela realeza e simbolizavam o triunfo sobre a natureza, riqueza, status, além da satisfação estética pela propriedade .

Com os descobrimentos e explorações intercontinentais houve um interesse pelo incomum que direcionou as importações de espécies raras e o desenvolvimento no sentido de exibição da fauna, inclusive com tino comercial, havendo até zoológicos ambulantes que obviamente foram responsáveis por incontáveis mortes de animais, não só pelo transporte mas também por pessoas que agrediam ou intoxicavam animais .

A partir do século XVII a combinação de teologia e utilidade influenciada pelas críticas poéticas teve efeito decisivo sobre as sensibilidades da classe média. Todas as espécies faziam parte dos planos de Deus e somente a autodefesa justificaria sua eliminação. Essa bondade com crença na perfeição do desígnio divino fomentou nesse mesmo século um súbito interesse pelo mundo natural e deu margens ao gosto pela *história natural* surgindo vários naturalistas e curiosos motivados por impulsos religiosos.

A popularização da natureza aconteceu no século XVIII através de textos, pinturas, clubes e sociedades de estudo e foi exatamente nesse momento que o contemplativo engendrou a sensibilidade da preservação da natureza; o estético deu lugar a questionamentos morais sobre os valores e direitos humanos e sobre a subjugação dos bichos. Surgiram campanhas de proteção à fauna e até mesmo, a legitimidade dos zoológicos e *menageries* foi criticada em relação à dignidade dos “hóspedes”.

Um constrangimento diante da alimentação carnívora influenciou a revalorização da natureza e afrouxou as barreiras do humano e não-humano culminando já no século XX, em 1969, na orientação pelas Nações Unidas e pela União Internacional pela Preservação da Natureza, para o uso racional do meio ambiente e o sentimento de compromisso com a qualidade de vida das outras espécies .

Esse sentido de compromisso é cultural e, apesar de ser divulgado como universal e embutir responsabilidades políticas e sociais, sofre no Brasil um tipo de paralisia que não articula demandas.

Uma cronologia dos zoológicos ao longo da linha do tempo é útil para formular indagações a respeito desse compromisso cultural e ambiental com os animais, que espelha uma sociedade – nesse estudo, a uberlandense – carente em vários aspectos sociais, inclusive o educacional sensibilizador para as questões da natureza e a serenidade para encarar num planejamento econômico da natureza um investimento e não um gasto.

As informações abaixo foram sintetizadas, em sua maioria, do texto de WERNER,Z. (1986) "Os zoológicos, um pouco de sua história e evolução do zôo de São Paulo.", e alguns *sites* também foram fontes valiosas, conforme nota<sup>12</sup>.

Várias coleções de animais, inclusive os destinados à subsistência têm registros em pinturas rupestres e remontam a milênios antes de Cristo principalmente no Oriente e antigo Egito, estando diretamente ligados a condições de poderio. Nabucodonosor, rei da Babilônia no século IV a.C., muito interessado em leões ficou famoso por suas expedições para captura desses animais. Nesse mesmo século, as expedições de Alexandre o Grande levaram animais de numerosas espécies à Grécia, sendo os zôos gregos os primeiros a cobrar entrada dos visitantes.

Os romanos continuaram o costume de manter coleções zoológicas mas com o objetivo de propiciar espetáculos sangrentos dos “circos de arena” que expressavam o pensamento político e cultural da época, estendido até a era cristã. Não poderiam deixar de serem citadas as coleções particulares de Aristóteles, que de certa forma contribuíram para a taxonomia dos vertebrados. Escavações na cidade de Pompéia revelam figuras de variadas espécies de aves.

---

<sup>12</sup> Vários sites fornecem dados históricos sobre diferentes instituições. Dentre eles, o [www.uol.com.br/bichos](http://www.uol.com.br/bichos) contém uma seção de zoológicos pelo mundo, com detalhes que puderam ser extraídos para esse texto.

São inúmeros os exemplos de reis e governantes que demonstraram interesse pela “posse” de animais na época cristã e na Renascença, Carlos Magno, Willian - o Conquistador, Henrique I, Justiniano, Carlos I, o pintor Leonardo da Vinci.

Com o advento das grandes navegações exploratórias a descoberta dos paraísos estimulou o sentimento de posse e exibição do exótico nos europeus somando ao fenômeno da importação de espécies tropicais o fenômeno da caça e do extermínio daqueles animais que causavam medo. Era a representação cenográfica, teatralizada, da natureza, afirmando muitas vezes a superioridade da aristocracia, seu status.

Para nós do continente americano, é certamente com incômodo que lembramos do genocídio do povo Asteca pelo espanhol Hernán Cortez. Fato é também que o imperador mexicano Montezuma, tinha a maior e mais bem estruturada coleção de animais até então vista por um europeu; eram aviários fantásticos com muitas aves de rapina, gatos, cobras, lagos com aves aquáticas, recintos com lhamas, veados, jacarés, cágados, iguanas, cascavéis, enfim, uma estrutura de anos de trabalho na qual se empenhavam mais de 300 tratadores.

Uma das grandes coleções do século XVI foi a do castelo de Chantilly que existiu de 1530 até 1792. Nesse ano ela foi saqueada por revolucionários franceses, acontecimento lamentável que se repetiu na França mais duas vezes com a destruição das coleções de Jean Delacour em Cleres durante a primeira e a segunda, grandes guerras. Mais ou menos por essa época surgiu a coleção de Dreseden fundada por Augusto I em 1544. Essa coleção ficou tristemente famosa porque Augusto II seu sucessor fez da exibição dos animais um tipo de arena romana e ele próprio em 1719 acabou por executar a tiro todos os animais sobreviventes. Este desfecho sangrento entretanto não foi o único na história dos zôos, pois Henrique III sucessor de Carlos IX e fundador do Zôo do Louvre em 1583 matou a flechadas todos os seus animais por ter sonhado numa noite que seria devorado por eles.

No século XVI foi estruturado o Zôo de Versailles fundado por Luiz XIII que durou até a época da Revolução francesa quando os revolucionários tomaram o palácio; teve o maior número de animais oriundos da América e das colônias francesas. O mais antigo zôo da França, no recanto do Jardim de Plantes foi construído depois da Revolução para alojar quatro animais sobreviventes de Versailles e outros animais comprados de circos e no

exterior. Em 1870, num acontecimento chamado de “cerco da Prússia” a maioria dos animais foi morta e serviu de alimento à população faminta da cidade.

Na época moderna, os zôos sofreram mudanças em seus conceitos e objetivos em termos de arquitetura, paisagismo, recinto e manejo de animais. Carl Hagenbeck desenhou em Hamburgo na Alemanha uma estrutura de recintos sem grades ou barras trocadas por fossos, valas e outras barreiras naturais.

Há contradições sobre o primeiro zôo da América ser o de Nova York ou o da Philadelphia em 1874. Na América Latina, o zôo mais antigo é do Buenos Aires criado com o apoio de Carlos Pellegrini em 1888.

Na bibliografia, uma seqüência de sites para consultas, dentre eles o da seção "Bichos-Zoôs pelo mundo" do Universo on-line (UOL) fornece dados históricos resumidos e visitas virtuais (representação contemporânea do conhecimento) para pesquisas de cunho comparativo nessa tentativa de desvendar a simbologia do zoológico como instituição mediadora das relações do homem com o mundo natural em diferentes cidades e países.

Em agosto de 2002 a Rio +10, Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável em Johannesburgo na África do Sul, reuniu representantes de 189 países, no maior encontro na história das Nações Unidas para discutir o destino do planeta. Um dos destaques, o ritmo acelerado da extinção de espécies é preocupação de biodiversidade e da sociedade como um todo, uma vez que “ um quarto das espécies de mamíferos está sob ameaça e segundo estimativas da ONU 70% da superfície do globo será afetada por estradas, cidades e mineração até 2032; 10 espécies se extinguem a cada ano como produto da ação do homem.”<sup>13</sup>

“Feito a Arca de Noé”, os zoológicos do presente sonham atracar no futuro exatamente como na narrativa bíblica: com carga suficiente para repovoar o mundo .”<sup>14</sup>

Essa afirmação sobre as expectativas do zoológico de Londres em deixar de ser apenas um parque de exposição e se dedicar a recuperação genética de espécies ameaçadas convida a uma reflexão atual sobre os avanços da ciência e sobre a “nova” função / significação do zoológico dentro da política de preservação dissipada em contexto global.

---

<sup>13</sup> dados do jornal Folha de SP , 24/8/2002 , especial 5.

<sup>14</sup> Revista super interessante, junho 1993.

O programa ambiental *A última Arca de Noé* cujo site<sup>15</sup> foi desenvolvido por Antonio Silveira R dos Santos, juiz de Direito aposentado que tem empreendido estudos e atividades nas áreas de: Direito Ambiental, Educação Ambiental, Direitos Humanos, Urbanismo, Ornitologia, História Natural etc. Tem mais de 350 artigos publicados (a partir de set/94), com cerca de 2.500 publicações (português, espanhol, italiano e japonês), conceitua zoológico como “local destinado à coleção de animais principalmente desconhecidos do público com as finalidades de exibição, preservação, reprodução e educação ambiental.”

Como objetivos: a educação ambiental, a conservação de espécies, a pesquisa, o desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional, o lazer e a missão futura de continuidade da vida selvagem.

Para Morrone, J. e Fortino, A., autores do artigo “¿Deben existir los zoológicos?”<sup>16</sup> publicado na versão latina da revista *Ciência Hoje*, faz parte da estratégia de vários zôos definir práticas de comunicação com o público competentes para informar e persuadir sobre a necessidade do bem estar animal e o respeito às formas de vida em cativeiro.

Ainda o tino empresarial que se verifica com vendas de camisetas, chaveiros, bolsas, boné, canecas, não deixam de ser instrumentos importantes na educação ambiental e promover auxílios financeiros aos parques.

Para os autores, Morrone, J. e Fortino, A., existem quatro argumentos favoráveis à existência do zoológico: entretenimento, educação, investigação científica, preservação de espécies em risco de extinção; porém, há um argumento ético contra: os animais humanos têm o direito de privar os outros animais de sua liberdade ?

Sobre o propósito educativo do zôo foram feitas reflexões que explicitam a realidade vivida em muitas coleções brasileiras: há exemplos de animais que mesmo com todas as informações disponibilizadas sobre comportamento e ecologia o público não perde as crenças negativas sobre a espécie; segundo o artigo, 73% das pessoas não modificam seu imaginário sobre as serpentes mesmo depois de observá-la .

---

<sup>15</sup> Procurar em referências bibliográficas o nome *a ultima arca de noé*.

<sup>16</sup> MORRONE,J.J.;FORTINO,A. *¿Deben existir los zoológicos?* Disponível em: [www.cienciahoy.br/hoy43](http://www.cienciahoy.br/hoy43).

Um outro estudo revela a frustração dos guias pela indiferença e rapidez com que muitos adultos passam pelos recintos. O tempo de observação e interesse demonstrado pelas placas informativas revela traços marcantes do público e da sociedade.

Para o argumento de preservação, o mais sólido no meu ponto de vista, alguns zôos como o do Bronx, deixam recintos vazios para mostrar que seus antigos habitantes foram devolvidos à natureza. Os autores, Morrone, J. e Fortino, A, também insistem na preservação e criação de parques com áreas protegidas, na fiscalização do comércio ilegal e tráfico de animais, na intervenção humana com auxílio de biotecnologia, nos setores responsáveis pela reprodução, apesar dos inconvenientes genéticos.<sup>17</sup> Isso tudo qualifica a coleção zoológica nos padrões ambientais legais e dá crédito de instituição responsável e competente que zela pelo bem estar dos animais.

A pergunta: “¿Devem existir os zoológicos?”, fica no ar para o leitor do artigo mas é crucial o papel da sociedade pressionando na exigência de zoológicos de qualidade e respeito. Para isso, em anexo está a Legislação sobre zoológicos que, para aqueles que se interessam, será importante instrumento de reivindicação.

Dessa maneira, os níveis de interpretação sobre a importância da existência das outras espécies animais não tem caráter excludente na nossa vida de humanos, ou seja, claro que a preservação de algumas espécies não vai interferir nos nossos padrões de vida mas, como já mencionado, a responsabilidade e o compromisso com os animais silvestres, principalmente os recintados, associa-se diretamente à nossa racionalidade de entendermos nosso poder nas estruturas ecológicas e disputa por habitats.

Diversos exemplos podem ser dados de animais salvos em zôos: O cavalo de Przewalski, provável ancestral dos cavalos domésticos; o condor da Califórnia maior ave norte americana vítima de caça e uso de DDT na lavoura; o Bisão Europeu. Enfim, esforços de trabalhos competentes que repararam danos em respeito à natureza<sup>18</sup>.

A revista Terra de setembro de 2001 publicou reportagem com dados sobre tráfico de animais silvestres; os números impressionam: a cada ano 12 milhões de animais são saqueados das florestas e matas brasileiras movimentando 10 bilhões de dólares no mundo.

---

<sup>17</sup> O isolamento de populações em reservas leva à perda de variabilidade genética, ou seja, há um aumento de consangüinidade devido ao endocruzamento causado pela restrição geográfica.

<sup>18</sup> Dados disponíveis no *site* a última arca de noé.

Esse submundo, que hoje é clandestino já foi, na história do Brasil e de muitas colônias, um mercado livre fornecedor para a Europa.

“Os principais fomentadores desse comércio são colecionadores particulares, proprietários de curtumes, zoológicos, centros de pesquisa. Outros compradores potenciais são as grandes indústrias química e farmacêutica. Durante a década de 60, o Peru exportou meio milhão de primatas da região amazônica para fins científicos (...) no RJ há 3 anos uma grande quantidade de cocaína foi encontrada dentro de jibóias.”<sup>19</sup>

O dinheiro sujo do tráfico (onça-pintada, valor R\$3 mil e US\$10 mil/ mico leão dourado, R\$300 e US\$25 mil/ tucano de bico preto, R\$200 e US\$6 mil) circula por rotas em todas as regiões do país com documentos falsos para exportação. Questionável disso tudo é o papel das agências fiscalizadoras como o Ibama, a polícia Federal, o IEF. “Na BR 116, perto da cidade baiana de Milagres, a 10 km do posto da Receita Federal crianças vendem jabutis e filhotes de micos a 25 reais o casal, como quem oferece cachos de banana..”<sup>20</sup>

De certa forma, a ciência e a tecnologia atuantes como empresas, são aliadas decisivas para a preservação de muitas espécies, mas conforme o texto dos franceses “Les représentations de la nature: l’exemple des zoos .” seria um tanto utópico considerar possível a reintrodução de animais na natureza. Por que? Porque não sabemos se vai existir a natureza. “(...) o zoológico do século XX exprime uma sede de natureza imaculada , um desejo de preservação , mais que uma representação como nos séculos XVI – XVIII .”<sup>21</sup>;

Assim, comparado a esses exemplos e argumentos, vemos que o zoológico Parque do Sabiá, está substancialmente distante de reflexões aprofundadas e práticas urgentes no que tange seu papel biológico.

---

<sup>19</sup>CALDAS, S.T. *Silêncio na Mata*. Revista Terra, set, 2001 p. 35.

<sup>20</sup> Idem, p.35.

<sup>21</sup> Texto original: "Les zoos sont maintenant promus et perçus comme des arches de Noé. Mais cette mission parît bien illusoire. (...) Plus qu’une représentation de la nature, comme aux XVI-XVIII soécle, le zoo du XX siècle exprime une soif de anture immaculée, un souhait de préservatio que l’on sait ne pouvoir et ne vouloir réaliser dans les milieux concernés puisque leur destruction s’accentue. " BARATAY, E.; HARDOUIN-FUGIER, E. *Les représentations de la nature :l’exemple des zoos*. Raison Présent, sciences et politiques de la Nature, 4<sup>o</sup> trimestre 1999, p. 45.

Nesse sentido, no âmbito da ética, “A vida dos animais” do sul-africano J.M. Coetzee, publicado no ano de 2002 foi extremamente importante ao destacar questões morais sobre como os humanos deveriam tratar os animais focalizando o assunto nas práticas alimentares e no vegetarianismo . Peter Singer, importante filósofo e professor de bioética na universidade de Princeton, foi colaborador desse livro ao lado de outros nomes da academia norte-americana:

*“As pessoas reclamam que tratamos os animais como objetos, mas na verdade tratamos os animais como prisioneiros de guerra .Você sabia que quando foram abertos os primeiros zoológicos os tratadores tinham que proteger os animais dos ataques dos espectadores ? Os espectadores sentiam que os animais estavam ali para serem insultados e humilhados como prisioneiros numa marcha triunfal . Já promovemos uma guerra contra os animais que chamamos de caça embora, na verdade, guerra e caça sejam a mesma coisa (Aristóteles percebeu isso claramente). Essa guerra foi travada ao longo de milhões de anos. Só a vencemos definitivamente faz algumas centenas de anos, quando inventamos as armas de fogo. Só quando a vitória foi absoluta é que pudemos nos permitir cultivar a compaixão. Mas a nossa compaixão é muito rarefeita. Por baixo dela existe uma atitude mais primitiva. O prisioneiro de guerra não pertence à nossa tribo . Podemos fazer o que quisermos com ele. Podemos sacrificá-lo aos nossos deuses . Podemos cortar seu pescoço, arrancar seu coração, atirá-lo ao fogo . Não existe lei quando se fala em prisioneiros de guerra .”<sup>22</sup>*

A filosofia contemporânea tem apresentado diversos trabalhos tratando da relação do homem com os animais. Os europeus, principalmente, enchem as prateleiras de livrarias européias com discursos sobre ética e bem-estar animal, zoológicos, vegetarianismo, filosofia e linguagem animal.

Quatro nomes franceses são bastante significativos na filosofia contemporânea ao tratar das relações homem-animais. Segundo resenha da revista Margem, Dossiê: entre natureza e cultura,<sup>23</sup> o etólogo Boris Cyrulnik, em “Si les lions pouvaient parler. Essais sur la condition animales.” (1998 ) articulado em 19 blocos com 1571 páginas, convida a pensar sobre como a filosofia tratou os animais como não-homens em função da derrocada do antropocentrismo e do não reconhecimento dos animais em nossas vidas. Para ele,

---

<sup>22</sup> COETZEE, J.M. *A vida dos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.70.

<sup>23</sup> CARVALHO, E.A. Resenhas. Margem, São Paulo, PUC-SP, n°15, jun. 2002, p. 265.

quando desenvolver-se uma antropologia naturalista, haverá o indicativo de novas atitudes perante a linguagem entre os seres.

Ainda na resenha de CARVALHO, o nome da francesa Elizabeth de Fontenay é citado sobre seu livro “Les silence des bêtes. La philosophie à l’épreuve de l’animalité.”, também de 1998, com 784 páginas em que a autora se propõe escrever uma história da filosofia ocidental em que, a animalidade constitui um enigma cuja decifração é “complexa, incompleta e conclusiva.”

A sensação descrita por Carvalho, E.A. pela leitura das obras, é um grande desconforto pois, reconhecemos explicitamente o teatro de crueldades em que se converteu a relação homem-animal. “Desafio do nosso tempo (...) lutar por uma identidade futura baseada na sinergia entre plantas, animais e homens.”<sup>24</sup>

Eric Baratay mestre de conferência da Universidade Jean-Moulin de Lyon é historiador das mentalidades e especialista em história dos animais. Elisabeth Hardouin-Fugier é professora de história da arte da mesma universidade. Juntos, lançaram em 1988, pela série Ecologia e Sociedade o livro “Zôos – *histoire des jardins zoologiques en occident*”, com o objetivo de compreender a gênese e evolução dos atuais jardins zoológicos para que, dando a volta numa jaula pudéssemos compreender a sociedade e contribuir para a história política, cultural, social e estética do ocidente.

O livro e a coleção se propõem a renovar o pensamento crítico frente a emergência da consciência ecológica e a importância do conhecimento científico, filosófico, histórico e antropológico.

Dividido em três capítulos, com 295 páginas, os autores estruturam num primeiro momento a paixão pelas coleções zoológicas e naturais, num segundo momento a vontade de dominar o mundo natural e no terceiro capítulo, o desejo pela proximidade com a natureza, nos séculos XVI-XVIII, XIX e XX respectivamente.

No próximo capítulo, tratarei do zoológico Parque do Sabiá, suas peculiaridade no contexto de educação ambiental e, através de um paralelo com a história da cidade, de 1982 a 1992 demonstrar como a política influenciou a relação dos homens com o mundo natural na cidade de Uberlândia.

---

<sup>24</sup> CARVALHO, E.A. Resenhas. Margem, São Paulo, PUC-SP, n°15, jun. 2002, p. 266

### III. ZOOLOGICO PARQUE DO SABIÁ

O zoológico objeto dessa pesquisa é parte integrante do Parque do Sabiá, fundado em 1982 e administrado desde então pela Fundação Uberlandense de Turismo Esporte e Lazer (FUTEL) da cidade de Uberlândia – MG.

De caráter público, ocupa uma área de aproximadamente 300.000 m<sup>2</sup> dentro do parque e mantém atualmente como seu plantel aproximadamente 275 animais classificados em 65 espécies diferentes.

Uma equipe de 2 médicos veterinários, 1 biólogo e 13 tratadores faz a manutenção dos 67 recintos dividindo o trabalho entre alimentação, higienização, prevenção e cuidados médicos.<sup>25</sup>

Segundo dados recolhidos no Escritório Regional do Ibama em Uberlândia-MG, o zoológico teve seu registro de licenciamento em 1988 sob o número 1/31/1998 – 000005-8 e foi oficialmente reconhecido como Unidade de Conservação através do decreto 7452 de 27 de novembro de 1997.

A diretoria do órgão informou que há uma orientação para cercamento do zoológico, tornando-o área isolada dentro do Parque que necessitará de investimentos pela FUTEL, mas de uma forma geral, o zoológico classifica-se com 80% de qualidade. O funcionário Aloísio Romar ainda esclareceu que, todos os zôos do estado de MG estão sob supervisão da bióloga Dr. Maria Beatriz Bosh que, inclusive acaba de fechar o zoológico da cidade de Sete Lagoas, dando ao leão Clemente-Léo uma companheira leoa transferida há quase um mês.

Sendo questionado sobre o stress que os animais poderiam sofrer com a proximidade da BR-050, ele esclareceu que a rodovia não faz parte da cidade e que, testes de medição da poluição sonora detectaram, próximo ao recinto do leão, em torno de 35 decibéis, sendo o máximo permitido 89 decibéis.

Os gastos ou “investimentos” com os animais fornecidos pela FUTEL, giram em torno de 60 mil reais/ano com frutas e verduras, 70 mil reais/ano com carne e 8 mil reais/ano com ração e medicamentos.

---

<sup>25</sup> Dados fornecidos pela bióloga do zôo Beatriz Vieira dos Santos.

Dentre os animais do plantel, 8 espécies estão em risco de extinção segundo órgãos do Ibama sendo eles: o lobo-guará, tamanduá-bandeira, a arara-azul, a jaguatirica, a onça pintada, o gato maracajá, o mutum do penacho e o gato do mato.

Porém, nenhum deles desperta mais a atenção dos visitantes do que o maior dos grandes felinos, constituinte da fauna africana o *Phantera leo*, leão Clemente-Léo. Considerado o mais exótico do plantel, seu recinto recebe uma média de 500 visitantes aos domingos que lhe assistem num tempo aproximado de 3 minutos, ansiosos por um rugido, uma demonstração de ferocidade. Já os primatas como macaco-prego e sagüis, pela própria inteligência e curiosidade inatas são observados por mais tempo e mais detalhadamente.

Conforme citado no início do capítulo 1 o leão Clemente-Léo, é o animal do plantel no zoológico Parque do Sabiá que desperta maior interesse do público visitante. Realmente, sua “majestosidade” é inegável. Felino de savanas e regiões semi-desérticas africanas, os leões vivem em grupos de tre a trinta indivíduos, cada grupo ocupando um território de aproximadamente 48 km.<sup>26</sup>

“Chico”, que é auxiliar de veterinária do zôo e tratador da área de felinos garante que a posição do recinto do animal, próximo à rodovia, é extremamente desfavorável às suas condições de vida. Os felinos, como predadores que são, apresentam hábitos noturnos o que lhes dá a característica de “preguiçosos” durante o dia. Essa informação, porém, não está disponibilizada claramente para o público, fato que contribui desastrosamente no comportamento dos visitantes. No trabalho de observação de campo<sup>27</sup> pude perceber o despreparo da maioria das pessoas na movimentação dentro do zôo, principalmente no que tange o respeito com os animais.

No caso do Leão, é comum as pessoas chegarem gritando, batendo palmas, atirando pedras, assoviando, na tentativa de fazer o animal expressar algum rugido ou demonstrar a sua ferocidade. Muitos questionam o sexo do animal, sua idade, procedência, alimentação e demonstram interesse em detalhes do comportamento dos felinos que, inclusive poderia estar em placas nos recintos se, essas não fossem freqüentemente roubadas, como relatou o tratador “Chico” em entrevista.

---

<sup>26</sup> FOLHA, Nova Enciclopédia Ilustrada. V.2, p.556

<sup>27</sup> Em domingos aleatórios, fiquei aproximadamente 3 horas andando pelo zôo e anotando os comportamentos mais significativos dos visitantes. Em um domingo nublado, dia 07/03/2004, escolhi o recinto do leão para enfocar a observação.

Laurence Frank é biólogo da Universidade da Califórnia e chefe do Projeto Predadores de Laikipia, região da parte central do Quênia, onde a Sociedade de Conservação da Fauna Selvagem patrocina há sete anos o pesquisador e seus estudos sobre as relações entre humanos, gado e predadores da região, os leões. Lá, as terras são usadas comercialmente para a criação de gados e por causa dessa atividade o número de leões foi reduzido drasticamente.

Estima-se que há 20 anos atrás a população leonina era de 200 mil exemplares. Hoje, estudos revelam que apenas 23 mil ainda vivem na África.<sup>28</sup>, fato que afirma a necessidade de preservação da fauna mundial.

Comparado aos zoológicos do Brasil, o Zôo Parque do Sabiá classifica-se pela sua estrutura em nível médio de qualidade de vida para os animais porém, suas peculiaridades são também precariedades, que esse olhar histórico tentará analisar.

Um resgate cronológico da instituição procurou responder quais as intenções de estruturação, funcionalidade, programas de preservação de espécies e dedicação ao bem estar animal foram planejadas e praticadas desde então pelos órgãos públicos responsáveis e pela própria sociedade com o propósito de historicizar as políticas e as sensibilidades ativas e passivas dos homens sobre o mundo natural.

O historiador francês Alain Corbin estimulou essa problematização quando em entrevista publicada na revista Projeto História<sup>29</sup> comentando sobre seu livro “Le monde retrouvé de Louis-François-Pinagot. Sur les traces d’un inconnu 1798-1876” revela seu interesse em conhecer sistemas de apreciação do mundo (inclusive em relação aos animais e vegetais) os afetos e as emoções de pessoas de outras épocas, os usos de seus sentidos.

Além disso, a vitalidade das técnicas de história oral aplicada a temas de visibilidade regional/ local subsidiam a pesquisa sobre o processo histórico emergente.

Relacionado diretamente com o Parque do Sabiá faz-se necessária uma apresentação ainda que sintética do planejamento e estruturação dessa obra.

Dados recolhidos da imprensa escrita local de 1978 apresentam cronologicamente as etapas efetivadas pela prefeitura de Virgílio Galassi para a construção. Em junho desse

---

<sup>28</sup> PAIN, Stephanie. *Os últimos reis*. Folha de S. Paulo, 12 out. 2003. Mais! p.17.

<sup>29</sup> CORBIN, Alain. *Uma história quase impossível*. Projeto História, São Paulo, (19), nov.1999, p.209. Entrevista realizada em Paris no dia 11 de março de 1999 pela professora Denise Bernuzzi de Sant’Anna.

mesmo ano a prefeitura municipal doou uma área de aproximadamente 150 ha para a Futel onde seria construído o Parque do Sabiá com intuito de “oferecer a toda gente uberlandense um local para lazer e dedicação ao esporte , sem nada pagar .” Paralelamente ao parque estavam sendo realizadas as obras do Estádio Municipal João Havelange que teve também todos os seus trâmites burocráticos na Câmara Municipal e Poder Legislativo para a aplicação da verba de 5 milhões de Cruzeiros.<sup>30</sup>

Comandadas pelos secretários e idealizadores dos projetos, Paulo Ferola e Cícero Diniz, os trabalhos da Construtora Centro-Oeste, “dando novas formas ao terreno”, eram entusiasticamente promovidos pela imprensa e outros órgãos, como grandes obras da administração Virgílio.

Vale recortar trechos dessa imprensa que comprovam essa aposta num turismo regional na época de desenvolvimento industrial, e a aposta em lazer e esporte para a classe trabalhadora como necessidades de uma “metrópole” que se almejava para Uberlândia. Além disso, fica clara a intenção “circense” da coleção animal sem nenhum vínculo educacional ou preservacionista.

*“As diversas nascentes de água cristalina, com as quais se abastecia a cidade antes da implantação da Sucupira , lá estão brotando da terra e servirão de base para a criação de vários setores do parque que formarão recantos diferentes capazes de quebrar a monotonia dos visitantes . Uma barragem provisória começa a represar a água que irá se transformar numa das maiores áreas de lazer de MG. Ainda resta parte da vegetação natural , com árvores que conseguiram ser salvas da criminosa ocupação do local por pessoas que tiveram insensatez de derrubar as árvores para vender como lenha. Para sanar esse crime, lá estão as mudas de todas as árvores conhecidas no Brasil, que vão desde as frutíferas, destinadas a atraírem os pássaros, as palmeiras imperiais, que irão dar graça e majestosidade aos caminhos.*

...

*O mundo animal*

*No gigantesco lago artificial , será permitida a pesca . O lago terá mais de dez mil exemplares de peixes de água doce , cujo cultivo já foi iniciado num tanque especialmente construído . As várias espécies de*

---

<sup>30</sup> Segundo dados da imprensa local (Jornal Triângulo-Uberlândia) os vereadores arenistas da época, João Paulino de Oliveira, Jeová Abrahão, Antonio Jorge Neto e José Abalém Neto votaram contra a criação da Fundação FUTEL cuja finalidade principal era construir um grande Estádio Municipal que na opinião deles era inviável e não atendia às necessidades prioritárias da população no âmbito da educação e saúde pública.

*cobras, já tem seu local determinado, numa réplica ao Butantã de São Paulo. Aves pernaltas, têm sua área destinada e segundo calculam Paulo Ferolla e Cícero Diniz, todas as espécies de pássaros encontrarão meio de subsistência no Parque , aproveitando as árvores frutíferas, especialmente plantadas para essa finalidade. O mundo animal será uma das atrações para o repouso e satisfação das famílias pobres de Uberlândia, as quais se destina especialmente o Parque Sabiá . Nele, o tráfego de veículos será proibido, havendo os amplos estacionamentos do estádio para abrigar os carros da família de classe média que deseja passar o seu domingo no parque.<sup>31</sup>*

Em 1979 aplicou-se mais 15 milhões de cruzeiros na obra (comparado aos 10 milhões para novas escolas e 10 milhões para saúde e saneamento) para em 7 setembro de 1982 ser inaugurado com grande festa e exaltação política .

Nunca houve preocupação em arquivar informações sobre o Parque do Sabiá e foi com enorme dificuldade que consegui dados sobre o zoológico, que há pouco tempo passou a ter um arquivo de fichas zootécnicas. Me interessava saber para essa pesquisa o primeiro plantel, as primeiras intenções, os primeiros funcionários a cuidarem dos animais. Porém , somente através de fontes orais foi possível o resgate dessas informações ainda que de forma incompleta.

Um caminho viável para a obtenção de dados seria pela Futel por ser a administradora do Parque, mas eles orientaram a busca pelos funcionários do zôo. Em nenhuma das duas etapas consegui relatos sobre o passado; obtive, finalmente, a informação que me rendeu uma entrevista importantíssima: o atual Secretário de Meio Ambiente Eduardo Beviláqua.<sup>32</sup> Ele foi o médico veterinário do zôo durante os anos 1986 a 1988 e, através dos relatos dele, consegui montar cronologicamente uma história do zoológico juntamente com os processos sociais que se estabeleciam na cidade sobre o meio ambiente. De grande valia também foram os artigos de jornais e projetos que Beviláqua mantém em arquivo pessoal e me forneceu para consulta.

Como supra-citado, a entrevista, apesar de ter sido direcionada pela experiência profissional de uma só pessoa, e o fato de hoje ele ter um cargo público vinculado à

---

<sup>31</sup> *Estádio Municipal e parque Sabiá caminham para ser realidade.* Correio de Uberlândia, ano XLI , nº 12485, 1º out, 1978, pp1.

<sup>32</sup> Eduardo Beviláqua, 40 anos, médico veterinário, Secretário de Meio Ambiente da gestão Zaire Rezende 2000-2004. Entrevista gravada e concedida em 15/04/2004.

Prefeitura Municipal de Uberlândia, o que dentre as técnicas de história oral<sup>33</sup> merece sempre um tratamento especial pelo historiador, no que diz respeito à veracidade e ocultamento de fatos, considerei-a extremamente valiosa. Para esse intuito de resgate histórico também entrevistei o auxiliar de veterinária e tratador do zôo desde 1988, o “Chico”<sup>34</sup> que forneceu também sua contribuição.

De maneira geral os dados confirmam as informações veiculadas pela imprensa mas, além disso, trata-se de histórias de vida que permitem historicizar e refletir sobre as estruturas políticas e sociais inerentes ao processo de criação do Zôo – Parque do Sabiá.

Segundo as fontes orais entrevistadas, o primeiro plantel foi proveniente de animais de captura, ou apreendidos pela Polícia Federal, sendo esses, alguns jacarés, aves, serpentes, avestruzes, antas. Em 1984 considerava-se a coleção existente no parque um mini-zoológico, provavelmente com número maior de espécies do que as citadas cujos depoimentos orais não revelaram. Um censo de 1985,<sup>35</sup> provavelmente o primeiro do zôo, contava 13 espécies de mamíferos incluindo pumas, onças pintadas, cachorro do mato, catetos, antas e outras. Até essa data o zôo não tinha assistência técnica sistematizada, apenas 2 pessoas eram responsáveis pelos cuidados com os animais que inclusive recebiam dieta sem aprimoramento nutricional. De acordo com “Chico”, um desses funcionários morava dentro da área do zôo numa das “casas” que hoje fazem parte da estrutura de secretaria. Beviláqua comentou, que a alimentação dos bichos também era feita com resíduos alimentares desses moradores.

Ou seja, podemos afirmar que o zoológico, tão sensacionalisticamente divulgado pela Prefeitura como um lindo espaço de lazer para a classe trabalhadora fora planejado sem nenhuma atenção aos animais e até sem nenhuma qualidade para o público.

Em 1986, depois de ter concluído o curso de Medicina Veterinária da UFU e demonstrado interesse pela área fazendo estágios em todo o país Beviláqua procurou a diretoria da Futel apresentando uma “Proposta de Aperfeiçoamento do Zoológico do

---

<sup>33</sup> Sobre essa técnica pode-se consultar: AMADO, J.; FERREIRA, M.M (orgs) *Usos e abusos da história oral*. RJ, Editora da FGV, 1996; THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. RJ, Paz e Terra, 1998; KHOURY, Y.A. *Narrativas Oraís na investigação da história social*. Proj.História. São Paulo.(22), jun.2001.

<sup>34</sup> “Chico” é auxiliar de veterinária desde 1988, tem 39 anos e trabalha de domingo à sexta. Entrevista gravada e concedida em 28/03/2004.

<sup>35</sup> Documento de arquivo pessoal, elaborado e fornecido por BEVILÁQUA, E.

Parque do Sabiá no Município de Uberlândia”<sup>36</sup> em que oferecia sua experiência e vontade para aperfeiçoar as condições de manejo e regularizar a situação do zôo frente às instituições ambientais responsáveis.

Coincidentemente, nesse ano de 1986, na gestão Zaire Rezende estava sendo criada a Secretaria de Meio Ambiente, uma das primeiras no estado de Minas Gerais e que abraçou a idéia relativa ao zoológico integrando em abril de 1987 o médico veterinário Eduardo Beviláqua, dando-lhe a responsabilidade pelo acompanhamento técnico das mudanças que de bom grado tinham sido aceitas e bem vindas, principalmente por não serem onerosas.

Uma etapa significativa dentro de um processo histórico de valorização das relações do homem com a natureza estava sendo desenvolvida na cidade. Um novo projeto redigido dessa vez oficialmente pela Prefeitura, assinado por Beviláqua como “Projeto para Criação do Zoológico Municipal de Uberlândia”<sup>37</sup> discorria em seis folhas e oito anexos as justificativas e viabilidade financeira em manejar adequadamente a vida do plantel de 250 exemplares répteis, aves e mamíferos .

Em diretrizes gerais, estabeleciam-se como prioridades dos projetos: a construção de um setor de apoio com cozinha, armazenamento de alimentos e rações, escritório, ambulatório/sanitário e biblioteca; a construção de recintos, conjunto de ilhas e viveiro de aves; a construção do aquário municipal. Equipamentos cirúrgicos e de laboratório, utensílios de copa-cozinha, utensílios de oficina-ferramentas, móveis e utensílios de escritório e biblioteca; materiais de consumo como uniformes, luvas, material de limpeza, medicamentos, vacinas, soros, alimentos para os animais, adubos herbicidas, sementes de plantas, placas, filmes fotográficos; ampliação do quadro de pessoal e a filiação a SZB Sociedade de Zoológicos do Brasil, como meta a ser alcançada.

Outras medidas de adequação como a imunização através de vacinação, o controle de endoparasitas através de vermifugação e exames parasitológicos, o controle higio-sanitário através do adequamento da armazenagem de alimentos e do seu preparo e manuseio, controle de insetos e roedores, limpeza e desinfecção dos recintos, controle da qualidade da água, adequação nutricional e “naturalização” dos recintos através da

---

<sup>36</sup> Documento de arquivo pessoal, elaborado e fornecido por BEVILÁQUA, E.

<sup>37</sup> Idem.

incrementação de vegetação foram encaminhadas como primordiais num cronograma operacional desenvolvido pelo médico veterinário responsável.

No ano de 1988 a imprensa escrita divulgou freqüentemente o “novo” zoológico que estava sendo construído registrando inclusive as inadequações existentes :

*“Um novo zoológico está sendo construído pela Prefeitura Municipal no Parque do Sabiá. A construção segundo o secretário Municipal de Meio Ambiente, professor Ireneu Antonio Siegles visa a preservação da fauna nativa brasileira, especialmente as espécies de ocorrência regional que estão em risco de extinção. Argumentando que o novo zoológico cumprirá as metas estabelecidas pela Secretaria para abrigar as espécies o chefe da seção de Reservas Biológicas da pasta, Eduardo Beviláqua revelou um dado novo que ajudou muito na decisão da Prefeitura em construir o novo zôo: “ O barulho vindo da BR-050 que margeia a reserva estava causando stress nos animais ”.*<sup>38</sup>

*“(...) A finalidade da construção destes novos recintos segundo o chefe da Seção de Reservas biológicas , Eduardo Beviláqua, é suprir as deficiências dos atuais alojamentos que não são adequados devido à proximidade da rodovia BR-050 e dos visitantes causando stress nos animais. Além disto, não são respeitadas as necessidades fisiológicas de cada espécie , fazendo com que o atual não corresponda a sua finalidade, que deve ser de preservação da fauna. “ O novo zoológico cumprirá além da preservação, a finalidade educativa, científica e de lazer, oferecendo à comunidade uma oportunidade de conhecer os animais selvagens de sua região de forma agradável e didática, para que possa assim começar a gostar desses animais e a lutar para protegê-los, explicou Beviláqua ”.*<sup>39</sup>

*“Para o médico veterinário Eduardo Beviláqua, chefe da seção de zoológicos da Secretaria, os animais do Parque estão alojados de maneira inadequada. Nenhum animal fica exposto por vontade própria...A meta da Secretaria é ocupá-lo com espécies de fauna brasileira, mais especificamente com animais da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e garantir a reprodução...Os recintos serão distribuídos de acordo com a família e ponto de vista do visitante, de forma que o animal possa ser visualizado sem que se sinta agredido...Também faz parte do projeto a instalação de uma biblioteca para que os alunos possam unir o conhecimento teórico ao prático. ”*<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> Parque do Sabiá terá em breve novo Zoológico. Jornal Primeira Hora, 29-06-1988.

<sup>39</sup> A ordem é construir espaços adequados para o zoológico. Jornal Correio de Uberlândia, 29-06-1988.

<sup>40</sup> Primeira Etapa do zoológico será concluída este ano. Jornal Estado de Minas, 16-09-1988.

Todavia, a relação mais racional com o meio ambiente e os animais, não foi interpretada positivamente por alguns vereadores da oposição partidária e algumas pessoas da sociedade, sendo o trabalho também criticado pela imprensa, que argumentava o absurdo de se desenvolver um planilha nutricional tão “cara” para animais enquanto várias crianças passavam fome, conforme relatou Beviláqua durante a entrevista.

Fica claro, de qualquer maneira, que havia um profissional entusiasmado e preocupado com a dignidade do animal recintado e que valorizava o zoológico em sua função educacional. As propostas eram plausíveis, principalmente porque o distanciamento da rodovia e todas as outras adequações, ou seja, a supressão das barras e grades em prol da arquitetura de ilhas e fossas, em referência à desenvolvida por Carl Hagenbeck na Alemanha em 1907, favoreciam o bem estar animal e mais que isso, contribuíam para esclarecer o paradoxo de violência e agressão protagonizado pelos visitantes frente a determinadas espécies estigmatizadas como ferozes, malignas ao humano.

*“Geralmente os freqüentadores de zoológicos no país têm uma visão errônea (...) As pessoas chegam junto aos animais querendo-os agressivos e não suportam, por exemplo, que uma onça esteja deitada tranqüila após ter sido alimentada. Para vê-la urrando e pulando contra as grades, atiram pedras gritam e se prestam a uma série de atitudes inexplicavelmente gratuitas e violentas. Isto segundo o médico veterinário Eduardo Beviláqua, vem acrescido de outras medidas como jogar objetos cortantes como giletes, pregos, venenos, em atos de vandalismo depredatório. De acordo com ele, existe uma diferença básica em relação aos zoológicos da Europa e EUA onde são tratados como instituições científicas e mantidas com o máximo de zelo por parte dos governos quanto por parte da iniciativa privada”<sup>41</sup>*

Aliás, dentre as propostas de adequação, inclusive em virtude destas constatações de agressão por parte dos visitantes, estava o projeto de “apadrinhamento” e “adoção” de animais por parte da iniciativa privada com direito a incentivos fiscais como o abatimento de 5% do lucro operacional previsto no regulamento da Receita Federal na declaração do imposto de Renda das pessoas jurídicas, segundo a Lei Sarney. Há uma placa no Recinto do Leão como lembrança por ter sido construído com verbas doadas pelo Restaurante Clementina que também batizou o animal de Clemente.

---

<sup>41</sup> *Em breve um zoológico no Sabiá.* Jornal Correio de Uberlândia, 19-05-1988.

Houve também a proposta de cobrança de uma taxa simbólica para visitação do zôo com a intenção de disciplinar e educar a visitação, no entanto, esse posicionamento foi extremamente criticado por segmentos políticos de oposição, na época.

*“Não sou favorável ao zôo ter entrada gratuita. Eu acho que que “o parque” deve ter entrada gratuita por conta da nossa realidade sócio-econômica mas o zôo deveria der uma área fechada, delimitada, aonde quem entra tem que pagar, para contribuir com a manutenção mas, mais do que isso, para disciplinar o uso, porque quando é de graça, a pessoa entra porque o portão está aberto...Mas toda vez que se falou em cobrar há uma rejeição muito grande por parte de um determinado segmento político.”<sup>42</sup>*

Segundo estatísticas da Futel, de 10 a 15 mil visitantes por mês passavam pelo zoológico, ou seja, se fosse cobrado um valor simbólico de R\$0,50 de cada pessoa, novos investimentos poderiam ser feitos se o dinheiro fosse revertido ao zoológico fidedignamente.

Assim, do ponto de vista político, é possível começar a perceber que ao analisarmos o zoológico enquanto instituição pública que ainda é, sua trajetória enquanto equipamento social-urbano foi baseada, apenas, numa concepção trabalhista do tipo “pão e circo” para o povo que, infelizmente não priorizou a consciência crítica e educação ambiental da população.

*“De acordo com o médico veterinário Eduardo Beviláqua o problema mais sério no Brasil é que a preservação do meio ambiente e a ecologia, não são tratados de forma séria como ciência nem por parte de técnicos e estudiosos, nem por parte de organismos oficiais, governamentais. É sempre uma medida paliativa após uma depredação. Segundo ele, o zoológico no Brasil é usado por políticos como forma de divertimento de baixo custo e até mesmo gratuito. Isso dificulta o controle de frequência em que o público não é bem educado para tratar os animais.”<sup>43</sup>*

---

<sup>42</sup> Entrevista gravada com Eduardo Beviláqua. Realizada em 15-04-2004.

<sup>43</sup> *Em breve um zoológico no Sabiá*. Jornal Correio de Uberlândia, 19-05-1988.

De qualquer maneira, ainda em 1988, apesar das obras de “reforma” não terem sido concluídas, o trabalho em equipe no zoológico já alcançava resultados como a reprodução e o nascimento de 14 filhotes de jibóia<sup>44</sup> e a ampliação do plantel de mamíferos que em 86 contava 13 espécies e em dezembro de 88 contava 21 espécies. Nesse ano, o plantel geral era de aproximadamente 328 exemplares catalogados em fichas de controle de dados antes inexistentes.

A Secretaria do Meio Ambiente chegou a promover uma exposição de fotografias dos animais do zoológico intitulada “SOS Fauna” com o objetivo de conscientizar a comunidade sobre a situação em que viviam os animais e sobre o risco de extinção que corriam.<sup>45</sup>

Há trechos da entrevista com Beviláqua em que falamos sobre a relação que a Futel mantém com o Parque e Zoológico e sobre a estrutura de poderes difícil de ser revertida aqui na cidade passando pela análise da situação atual do zoológico.

*“Vários zoológicos estão sendo fechado,s ou por pressão da população, ou por não adequação às necessidades, exigências legais. O zoológico de Uberlândia, ele não está numa situação trágica, está numa situação talvez que mereça ser aperfeiçoado, uma situação precária. È licenciado mas pode tremendamente ser alterado só que a população não tem esse mesmo nível de exigência para um zoológico do que tem para outro tipo de instalação ou equipamento urbano. Creio que vai acompanhar a própria evolução da cidade, não tenho dúvida disso.”*

*“(sobre a Futel e não a Secretaria de Meio Ambiente administrar o Parque do Sabiá) Trata-se de um paralelismo que deve ser superado ou que deveria ser. Isso é comum aqui no Brasil não só na questão ambiental. É comum o paralelismo: você ter vários órgãos no mesmo nível de administração do poder público com funções parecidas, similares, aproximadas ou mesmo superpostas. Isso ocorre na área de saúde, na área de educação, na área ambiental, na esfera municipal, estadual e federal. Então superar esses paralelismos isso é típico de um poder que tem ainda uma história recente de redemocratização. Quando você pega o poder público aonde ele foi constituído, concebido o poder no*

---

<sup>44</sup> Passam bem os filhotes de jibóia no P. do Sabiá. Jornal Primeira Hora, Uberlândia, 19-01-1988.

<sup>45</sup> Exposição de fotos de animais silvestres será aberta amanhã . Jornal Correio de Uberlândia.

*Brasil de uma forma muito encapsulada como pequenos guetos aonde tem agrupamentos com interesses políticos às vezes parecidos mas de uma certa forma conflitantes ou divergentes. Então se criam pequenas estruturas de poder com poucos canais de comunicação. Isso é fácil de ver um diagnóstico. Pode parecer uma certa incoerência, um dirigente de um órgão público reconhecer isso porque se reconhece isso, por que não muda? Porque não é fácil de mudar. É uma estrutura. Estrutura legislativa, uma estrutura organizacional e isso estava caminhando para mudar. O Prefeito Zaire Rezende apresentou uma proposta de reforma administrativa que foi como projeto de Lei para a Câmara Municipal em 2002 e não foi aprovado pelos vereadores especialmente por uma ação dos vereadores de oposição. Então não foi aprovado e estava contemplado nessa reforma administrativa que o Parque do Sabiá ele passaria, as questões ambientais seriam desenvolvidas pela Secretaria de Meio Ambiente. Então acredito que a realidade seria outra já nesse sentido pela própria unificação do trabalho. Então há essa percepção, têm-se esse diagnóstico mas infelizmente a estrutura de poder no Brasil é muito intrincada. Porque diagnosticar e conseguir transformar essa realidade vai um tempo e a sociedade paga por isso, em todas as áreas. A participação social é que vai acelerar essas mudanças.”*

*“Há uma escassez orçamentária. Em 1988 o orçamento da Secretaria do Meio Ambiente era de 3,5% do orçamento do município. Hoje é equivalente a 0,86% , ou seja, aumentaram as necessidades e caiu a verba disponível. O estigma do “lugar para o pobre” direcionou o não investimento. Investimento era pra ter no Praia Clube. O rico vai no Praia no Cajubá e o pobre vai no Parque Sabiá. Essa realidade mudou ao longo dos tempos mas ainda existem resquícios disso. A própria concepção paisagística do local, quer dizer todas as intervenções foi uma coisa que não era pra ser tão primorosa. Quer dizer , pobre se contenta com qualquer coisa. Essa era a mentalidade predominante dos dirigentes da época. Então você mudar isso, infelizmente demanda muito tempo.”*

*“Infelizmente é um processo histórico que só vai mudar a hora em que a população fizer algo diferente e passar a exigir que o poder público priorize esses investimentos em*

*detrimto de outros. Ou que se viabilize uma exploração pela iniciativa privada.”*<sup>46</sup>

Em 1989 uma nova gestão comandada por Virgílio Galassi assumiu a Prefeitura e interrompeu o projeto do zoológico pois, segundo Beviláqua declarou em entrevista, não havia percepção das questões ambientais inclusive manifestada publicamente a intenção de fechamento da Secretaria de Meio Ambiente.

Surgiu então, nessa época, na cidade de Uberlândia um movimento ambientalista denominado “SOS Meio Ambiente” que, preocupado com os direcionamentos políticos antagônicos, lutava inicialmente pela manutenção da Secretaria, pela despoluição do Rio Uberabinha e pela manutenção do projeto do zoológico com obras paralisadas na fase final do projeto.

Um jornal de circulação local foi lançado para explicitar o trabalho do movimento<sup>47</sup>. Em seu editorial, a diretora Lídia Meireles e a vice-diretora Marlene Colesanti, esclareciam seus esforços frente ao poder público, no sentido de lhe cobrar políticas ambientalistas para a cidade e também em âmbito nacional.

Em encontro informal, Marlene Colesanti, professora do Departamento de Geografia da UFU relatou sua experiência no movimento e confirmou a existência de um arquivo doado ao CDHIS, contendo todos os passos do SOS Meio Ambiente, porém, infelizmente esse não se encontra mais no CDHIS, tendo sido cogitada sua perda.

Portanto, enquanto pesquisadora, minha contribuição foi trazer elementos para a reflexão sobre o zoológico enquanto mediador das relações da história com o meio ambiente, do homem com o mundo natural e ressaltar seu papel educacional, cultural e preservacionista urgentes para a cidade de Uberlândia.

---

<sup>46</sup> Trechos da entrevista com Beviláqua, realizada em 15-04-2004.

<sup>47</sup> *Jornal Tamanduá Bandeira*, 1991. Disponíveis 2 exemplares no CDHIS, pasta: Jornais Avulsos.

## IV. CONCLUSÃO

Para entendermos como se delineiam as relações do homem com o mundo natural na cidade de Uberlândia, do ponto de vista da ciência História, através do objeto dessa pesquisa o zoológico Parque do Sabiá, é preciso de antemão encará-lo, frente o seu “estado” atual, como um indicativo social, cultural e ecológico dessas relações.

As ciências humanas têm muito a oferecer no estudo de temas ambientais se, as questões da natureza passarem a ser consideradas como inerentes à história da humanidade, visto que nós enquanto espécie, dominamos até hoje o mundo natural em favor dos nossos valores. Se formos capazes de encarar a magnitude cultural das relações que desenvolvemos com a natureza por seus mediadores, os zoológicos por exemplo, estaremos diante de uma perspectiva de conscientização e sensibilização muito maior.

Nesse sentido, entender o processo histórico-político da cidade de Uberlândia e seus atenuantes na construção do Parque do Sabiá e conseqüentemente do zoológico, promove o debate sobre o envolvimento das políticas públicas na configuração dessas relações. A criação de um parque de lazer em 1982, via fundação autônoma dentro da Prefeitura – a FUTEL – para a classe trabalhadora e “pobre” da cidade teve sua representação *mumificada* enquanto “obras da administração Virgílio” o que condicionou negativamente a adequação dos espaços do zoológico em outras administrações. Obviamente, as preocupações com o bem-estar animal partiram muito mais do entusiasmo profissional do médico veterinário recém-formado Eduardo Beviláqua, que se engajou em propostas de aperfeiçoamento nos quatro anos de administração Zaire Rezende (1985-1988), do que pela percepção partidária de urgência com as questões ambientais.

Mesmo assim, a campanha de sensibilização pela causa do zoológico e a criação de uma Secretaria de Meio Ambiente, dentre as primeiras no Estado de Minas, promovida e financiada pela prefeitura de Zaire representou um momento de participação política inédito e até hoje, 2004, nunca mais desenvolvido.

A “mumificação” da obra “Parque do Sabiá” protelou em 1989, com a volta da administração de Virgílio Galassi à Prefeitura de Uberlândia, os programas de adequação que passava o zôo e, numa amostra de conservadorismo político, cogitou o fechamento da Secretaria recém-criada.

O manejo adequado e a melhoria da qualidade de vida dos animais, através do deslocamento da estrutura do zôo para outra área do parque, distante da rodovia BR-050 foi adiado para um tempo que não mais chegou.

Naquela época então, uma “elite” intelectual da cidade se mobilizou e fundou o SOS Meio Ambiente lutando pela permanência das questões ambientais na política pública, movimento que não se perpetuou e cuja atualidade se faz urgente mas não está visível para a sociedade.

Como estou tentando explicar, a obra “Parque do Sabiá” e o zoológico, objeto dessa pesquisa, refletem um conjunto de argumentos políticos que influenciaram diretamente o imaginário da população uberlandense, ou seja, os visitantes do zôo receberam o “lazer” mas não foram educados para cuidar dele. Por não haver campanhas educativas e orientação adequada para a visita aos animais recintados, a maioria das pessoas trata os bichos com agressividade, violência e desrespeito, porque vêem aquele equipamento como um “circo” em que se exhibe fauna onerosa e não se privilegia espécies regionais.

Assim, quase como um César, Virgílio Galassi e seus companheiros de partido nunca aceitaram a delimitação do zôo enquanto área restrita em que se pudesse, no intuito de oferecer melhor qualidade de vida aos animais e melhor qualidade de informações e educação ambiental aos visitantes, cobrar taxas de visita. O “pão e circo” estaria, na opinião deles, perdendo o caráter gratuito e conseqüentemente seu status de grande benfeitor estaria diminuindo.

Portanto, a relação com a natureza e sensibilidade para com os animais e o meio ambiente ficou deformada e fria por esse caráter político. Mas se existiu uma “elite” intelectual no passado, capaz de exigir cuidados com as questões naturais da cidade, é porque esse setor da sociedade refletia a configuração nacional de “classe média” que podia se preocupar com essas questões.

Hoje, a cidade de Uberlândia tem 7 centros universitários mas não existe mais a “classe média” cultivada. Ou seja, há um número grande do que se chamava “elite” intelectual, porém, a disponibilidade e o engajamento em movimentos ambientais cedeu lugar à disponibilidade e engajamento para questões como emprego, alimentação e moradia. Ainda assim, dentre essa “elite” poucos saem de casa para ir ao zoológico, no

final de semana, por exemplo, primeiro porque podem estarem envolvidos com afazeres domésticos, ou preferem os ditos “programas culturais” como cinema, shopping ou jogos de basquete. Segundo, porque sabem da situação precária do zôo e preferem não ir para não se deprimirem.

Assim como a antropologia revelou zoológicos humanos,<sup>48</sup> quando pessoas de etnias não européias eram exibidas por sua condição “selvagem”, o zoológico ainda se classifica como exibidor de fauna, atrasado em seu caráter preservacionista e atravancado pelas bases políticas.

Se a Secretaria de Meio Ambiente, recebesse a administração do Parque e do zoológico, saindo esses equipamentos das mãos da FUTEL, que declaradamente não se interessa pelo lazer e turismo, mas exclusivamente, pela categoria esporte na cidade (não depreciando o valor dessa enquanto mediadora de educação e cidadania), o trabalho de conscientização e reflexão sobre as relações com a natureza, estaria, pelo menos, em instâncias afins. Ainda, se houvesse interesse em desenvolver campanhas de sensibilização da questão, um passo importante poderia ser dado, se a Secretaria de Cultura explorasse a simbologia do zôo dentro das suas prioridades, contribuindo indubitavelmente para a mudança de valores numa prática ecosófica.

O pensador Félix Guatarri contribui teoricamente nesse sentido, quando relata em “As três ecologias” sua indignação perante um mundo que se deteriora lentamente e contra qual ele acredita ser necessário a retomada de subjetividade e valores. Através da *ecosofia* um conjunto de pensamentos, práticas e articulações ético-políticas, a ecologia do meio ambiente, a das relações sociais e a da subjetividade humana estariam sendo absorvidas pela sociedade no intuito de reorganizar as maneiras de vivência no espaço Terra.

“no futuro a questão não será apenas a defesa da natureza, mas uma ofensiva para reparar o pulmão amazônico, para fazer reflorescer o Saara. A criação de novas espécies vivas, vegetais e animais, está inelutavelmente em nosso horizonte e torna urgente não apenas a adoção de uma ética ecosófica adaptada a essa situação, ao mesmo tempo terrificante e fascinante, mas também de uma política focalizada no destino da humanidade.”<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> SOARES, C.C. Zoológicos Humanos. Folha de S. Paulo, 14 jun 2002. Mais! p.10.

<sup>49</sup> GUATTARY, F. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 1991, p.53

O artigo “Os direitos da Natureza numa sociedade relacional: reflexões sobre uma nova ética ambiental”<sup>50</sup> escrito por ocasião da Eco 92 debate de maneira clara e didática a vertente biocêntrica do ecologismo, traçando um panorama histórico da crise ambiental contemporânea e orientando ações guiadas pela ética .

Toda a argumentação da ética biocêntrica, e a contribuição teórica das discussões, perpassam o novo paradigma europeu/norte-americano da biocomunidade, mas encontram obstáculos na sociedade relacional brasileira, sejam eles a combinação de traços liberais individualistas com traços tradicionais enfáticos nas relações pessoais, de patriarcalismo, familismo e coronelismo.

Através de um paralelo entre sociedade relacional e sociedade liberal incitando seus conceitos principais de igualdade e liberdade, os autores Barbosa, L.N.H. e Drummond, J.A. concluem que o biocentrismo em si enquanto prática ética é inviável no Brasil e não estaria apto a superar as três correntes ecológicas brasileiras, sejam elas , a conservacionista, a preservacionista e a ambientalista, todas sob orientação antropocêntrica. “A prioridade é resolver problemas sociais em harmonia com o mundo natural e não salvar a natureza à custa dos homens.”

Nesse sentido, a reflexão sobre sociedades relacionais colaborou para dimensionar as discussões relativas ao zoológico Parque do Sabiá, no âmbito político de novas práticas culturais que seriam, sem dúvida, capazes de promover essa harmonia.

Num limite mais amplo de análise, poderíamos pensar a relação dos homens com os animais na perspectiva do bioma cerrado, que hoje representa apenas 2 % da vegetação brasileira, tendo sofrido profundos impactos da política de ocupação nacional promovida na década de 70 e a expansão desordenada do latifúndio predatório, que extinguiu grande número de espécies animais.

Contudo, reforço aqui a urgência das práticas preservacionistas e a adoção de políticas ambientais mais sinérgicas entre homem e mundo natural, destacando a importância da ciência história como elemento de análise.

---

<sup>50</sup> BARBOSA, L.N.H.& DRUMMOND, J.A. *Direitos da natureza numa sociedade relacional: reflexões sobre uma nova ética ambiental*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v7, n 14, 1994.

## V. Bibliografia

### a)- Livros, artigos e teses

BARATAY, E.; HARDOUIN-FUGIER, E. **Les représentations de la nature :l'e exemplo des zoos** . Raison Présent, sciences et politiques de la Nature, p 39-46, 4º trimestre 1999.

BARATAY, E.; HARDOUIN-FUGIER, E. **Zoos histoire des jardins zoologiques en occident, XVI-XX siècle** . Paris: la Découverte, 1998, 295p.

BARBOSA, L.N.H. & DRUMMOND, J.A. **Direitos da natureza numa sociedade relacional: reflexões sobre uma nova ética ambiental**. Estudos Históricos , Rio de Janeiro, v7, n 14, p 265-289, 1994.

BARRAU, Jacques. **Animal**. Enciclopédia Einaudi. v.16. Homo-Domesticação, Cultura Material. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989, pp. 225-239.

BARRAU, Jacques. **Domesticação**. Enciclopédia Einaudi, v.16. Homo-Domesticação, Cultura Material. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989, pp. 240-163.

COETZEE, J.M. **A vida dos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COLESANTI, M.T.M. **Por uma educação ambiental: o Parque do Sabiá em Uberlândia-MG**. 1995. 160f. Tese (Pós-graduação em Geografia. Área de Concentração em Org. do Espaço), UNESP, Rio Claro.

CORBIN, Alain. **Uma história quase impossível**. Projeto História, São Paulo, (19), nov.1999, p.209. Entrevista realizada em Paris no dia 11 de março de 1999 pela professora Denise Bernuzzi de Sant'Anna.

DEL GROSSI, S.R. **Histórico da urbanização em Uberlândia e suas relações com a natureza**. Cadernos de História, Uberlândia, v.4, n.4, p.69-79.

DRUMMOND, J.A. **A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.4, n.8, 1991, p.177-197.

GONDAR, J. **Ciências humanas e transdisciplinaridade: a relação da ciência com a linguagem**. Revista: História & Perspectivas, Uberlândia, (25 e 26): 81-97, Jul./Dez. 2001 Jan./Jul.2002.

GUATTARY, F. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1991.

GUIMARÃES, M.A.B.V. **A aplicação de técnicas de reprodução assistida em animais silvestres mantidos em cativeiro**. Revista Brasileira Reprodução Animal, v.25, n.2, 2001.

**\_\_\_\_\_ Biotecnologia aplicada aos animais silvestres: aspectos éticos e conservacionistas.** Revista Brasileira Reprodução Animal, v.26, n.2, abr/jun 2002.

HARDOUIN-FUGIER, E. **Regards d'artistes sur les zôos.** Revue D'esthétique, Animalités, n.40, 2001, p. 79-85.

KHOURY, Y.A. **Narrativas Orais na investigação da história social.** Proj.História. São Paulo.(22), jun.2001.

LATOURE, B. **A ecologia política sem a natureza?** Proj.Hist. São Paulo, nov, 2001.

MARGEM. **Dossiê: Entre natureza e cultura.** São Paulo: PUC, n.15, jun 2002.

OLIVEIRA, L.C. **Dissertação II.** Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 154p., 1993.

RODRIGUES, B.A.; RODRIGUES, J.L. **Histórico, avanços e aspectos éticos das biotécnicas de reprodução.** Rev. Bras. Reprodução. Animal, v.24, n.1, p 10-17, jan/mar 2000.

SILVA, N. **Biotecnologia aplicada à reprodução animal: perspectivas presentes e futuras.** Rev. Bras. Reprodução Animal, v.24, n.1, p17-20, jan/mar 2000.

THOMAS, K.O **Homem e o mundo natural.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WERNER, Z. **Os zoológicos, um pouco de sua história e evolução do Zôo de São Paulo.** Fev., 1986.

WORSTER, D. **Para fazer História Ambiental.** Estudos Históricos, rio de Janeiro, v.4,n.8,1991. P.198-215.

## **b)- Jornais, revistas e outros documentos**

**A ordem é construir espaços adequados para o zoológico.** Correio de Uberlândia, 29 jun 1988.

ANGELO, C. **Faculdade da Linguagem é compartilhada entre humanos e animais.** Folha de S. Paulo, 22 dez 2002. Disponível em:  
<http://www1.folha.uol.com.br/folhaciencia/ult306u8008.shtml>

**Animais do zoológico Municipal vivem em condições inadequadas.** Correio de Uberlândia, 16 abr 1989.

BARBOSA, Bia. **Uma nova safra de Dollys.** Revista Veja, 18 out 2000.

BEVILÁQUA, E. **Proposta de Aperfeiçoamento do Zoológico do Parque do Sabiá no Município de Uberlândia.**

\_\_\_\_\_. **Projeto para Criação do Zoológico Municipal de Uberlândia.**

BONVICINO, R. **Jardim Zoológico.** Jornal Cidades, 16 mar1988, p A-14.

CALDAS, S.T. **Silêncio na Mata.** Revista Terra, set, 2001, p.32-41.

COSTA, M.R. **Aberta temporada de safáris em Tampa.** Folha de S. Paulo, Turismo, 7 mai, 2001, p F13.

**Defesa do Meio Ambiente tem nova entidade.** Correio de Uberlândia, 12 abr. 1989.

DETONI, M. **Safari é um jogo para ver animais.** Folha de S.Paulo, Turismo, 23, abr, 2001, p F2.

**Em breve um zoológico no P. do Sabiá.** Correio de Uberlândia, 19 mai 1989.

**Estádio Municipal e Parque do Sabiá caminham para ser realidade.** Correio de Uberlândia, 1 out 1978.

**Exposição de fotos de animais silvestres será aberta amanhã.** Correio de Uberlândia  
Correio de Uberlândia, provavelmente 1989.

FOLHA, **Nova Enciclopédia Ilustrada.** V.2, p. 556

**Futel premia melhores fotos do Estádio Sabiá.** Primeira Hora, Uberlândia 29 dez 1982.  
P5.

**Havelange cancela vinda e Prefeitura adia solenidade de lançamento.** Correio de Uberlândia, 28 jul 1978, p.8.

**Importantes projetos estão sendo analisados pela Câmara.** Correio de Uberlândia, 3 ago 1978.

**João Paulino vota contra FUTEL.** O Triângulo. Uberlândia, 21 mar 1978.

LOVEJOY, T.E. **A pobreza das espécies. Extinções continuam em ritmo acelerado.**  
Folha de S. Paulo, 24 ago 2002. Especial 5.

**Mais de cem mil pessoas visitaram o Parque do Sabiá no dia da inauguração.** Correio de Uberlândia, 9 nov 1982.

MARQUEZI, D. **Nossos caros amigos.** Revista Super Interessante, Especial Ecologia/Como Salvar o planeta Terra. jun, 2001, p. 42-44.

MARTINS, I. **Zoológico – Arca de Noé do futuro.** Revista Super Interessante jun,1993 , p.66-70.

MICHAELIS: **Dicionário escolar francês-português, português-francês/** Jelssa Ciardi Avalio, Mara Lucia Faury - São Paulo. Editora Melhoramentos, 2002.

MORRONE,J.J.;FORTINO,A. **¿Deben existir los zoológicos?** Disponível em: [www.cienciahoy.br/hoy43](http://www.cienciahoy.br/hoy43).

**Obras prosseguem no Parque do Sabiá.** Correio de Uberlândia, 14 jun 1978, p.1.

PAIN, S. **Os últimos reis.** Folha de S. Paulo, 12 out 2003. Mais! p.17.

**Parque do Sabiá terá em breve novo zoológico.** Correio de Uberlândia, 19 mai 1988.

**Parque do Sabiá terá em breve novo zoológico.** Primeira Hora, Uberlândia, 29 jun 1988.

**Parque ganhará novo zoológico brevemente.** Primeira Hora, Uberlândia, 29 jun 1988.

**Passam bem os filhotes de jibóia do P. Sabiá.** Primeira Hora, Uberlândia, 19 jan 1988.

PAVONE, A. P. **O amigo da Onça.** Revista Super Interessante especial Ecologia/Como salvar o planeta Terra. jun,2001, p.45.

**Prefeito mostra necessidade do empréstimo de 150 milhões de cruzeiros.** Correio de Uberlândia, 6 fev 1979.

**Prefeitura confirma doação de área para fundação uberlandense.** Correio de Uberlândia, 23 jun 1978, p.1.

**Primeira etapa do zoológico será concluída este ano.** Estado de Minas, 16 set 1988.

SANTORO, A.; ANGELO,C. **Zoológico de Gênios.** Revista super Interessante, ano 14, n.1, jan,2000.

SEN, A. **Por que é necessário preservar a coruja-pintada.** Folha de S. Paulo, 14 mar 2004 Mais! p.17.

SOARES, C.C. **Zoológicos Humanos.** Folha de S. Paulo, 14 jun 2002. Mais! p.10.

**Tudo pronto para a inauguração do Clube de Lazer dos Trabalhadores.** Correio de Uberlândia, 5 nov 1982.

**Turismo: como fazê-lo! O Véu de noiva de Sucupira e o Parque de Lazer do Sabiá serão fontes de renda?** Correio de Uberlândia, 25 out 1978 p.8.

WOLTHERS, G. **Big Five estão na mira das lentes.** Folha de S. Paulo, Turismo, 18,dez, 2000 p. G13.

**Zoológico no Sabiá.** Correio de Uberlândia, 29 jun 1988.

**Zoológicos: uma proposta de educação.** Correio de Uberlândia, 16 abr 1989. Meio ambiente.

### **c)- Sites**

[www.wri.org](http://www.wri.org)

[www.ibama.gov.br](http://www.ibama.gov.br)

[www.animalsvoice.com](http://www.animalsvoice.com)

[www.redlist.org](http://www.redlist.org)

[www.conservation.org](http://www.conservation.org)

[www.unep.org/GEO](http://www.unep.org/GEO)

[www.uva.org.ar](http://www.uva.org.ar)

[www.cienciahoy.br/hoy43](http://www.cienciahoy.br/hoy43)

[www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org)

[www.greenpeace.org.br](http://www.greenpeace.org.br)

[www.ultimaarcadenoe.com.br](http://www.ultimaarcadenoe.com.br)

[www.zoologico.com.br](http://www.zoologico.com.br)

[www.zoobrasilia.org.br](http://www.zoobrasilia.org.br)

[www.fzb.rs.org.br](http://www.fzb.rs.org.br)

[www.pesc.org.br](http://www.pesc.org.br)

[www.blv.com.br/org/zoo](http://www.blv.com.br/org/zoo)

[www.ambientebrasil.com.br](http://www.ambientebrasil.com.br)

### **Rede nacional contra o tráfico de animais selvagens**

[www.renctas.com.br](http://www.renctas.com.br)

### **PEA - Projeto Esperança Animal**

<http://www.pea.org.br>

### **Quero um bicho (Projeto da PEA)**

<http://www.queroumbicho.com.br>

### **Aila - Aliança Internacional do Animal**

<http://www.aila.org.br>

### **Suipa - Sociedade União Internacional Protetora dos Animais**

<http://www.suipa.org.br>

### **Apasfa - Associação Protetora de Animais São Francisco de Assis**

<http://www.apasfa.org>

**Arca Brasil** - Associação Humanitária de Proteção e Bem-Estar Animal  
<http://www.arcabrasil.org.br>

### **Zoológicos Brasileiros**

#### **Aquário Municipal de Santos**

<http://www.santos.sp.gov.br/estudante/aquario/>

#### **Beto Carrero World**

<http://www.betocarrero.com.br/betocarrero.htm>

#### **CEBUS - Zoológico da Usipa**

<http://www.usipa.com.br/zoologico.htm>

#### **Centro de Instrução Guerra na Selva**

<http://www.cigs.com.br/>

#### **Fundação Hermann Weege**

<http://www.pomerode.com.br/zoologico.htm>

#### **Fundação RIO-ZOO**

<http://www.rio.rj.gov.br/riozoo/>

#### **Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul**

<http://www.fzb.rs.gov.br/fzb.htm>

#### **Museu Paranaense "Emilio Goeldi"**

<http://www.museu-goeldi.br/>

#### **Parque Zoológico de Goiânia**

<http://www.gyn.com.br/zoo/index.asp>

#### **Parque Zoológico Municipal Guarulhos**

<http://www.guarulhos.org/lazer.turismo.zoo.asp>

#### **Parque Zoológico Municipal Quinzinho de Barros**

<http://afissore.org.br/zoo/animais/>

#### **Zoológico de Curitiba**

<http://www.parques-curitiba.com/parque-iguacu-zoologico.htm>

#### **Zoológico de Uberaba - Parque Jacarandá**

<http://www.uberaba.mg.gov.br/meioambiente/bosque.htm>

## VI. Anexos

### Legislação sobre zoológicos

- **Lei 7.173, de 14 de dezembro de 1983** - Dispõe sobre o estabelecimento e funcionamento de jardins zoológicos e dá outras providências.
- **Portaria nº 283/P, de 18 de maio de 1989** - Dispõe sobre o registro no IBAMA de jardins zoológicos públicos ou privados.
- **Instrução Normativa nº 001/89-P de 19 de outubro de 1989** - Estabelece os requisitos recomendáveis para a ocupação de alojamentos em jardins zoológicos.
- **Lei n. 5.197 - de 3 de Janeiro de 1967** - Dispõe sobre a proteção à fauna e dá outras providências (Código de Caça)
- **Portaria n. 332 - de 13 de Março de 1990**, regulamenta a coleta de material zoológicos.
- **Portaria n. 29 - de 24 de Março de 1994**, normatização da importação e exportação da fauna silvestre Brasileira e da fauna silvestre exótica

### Roteiro de Entrevistas

#### Tipo I

1. A referência histórica de demanda do zôo (1977 ?) . O primeiro plantel? A preocupação de localização próximo a rodovia e rota de pouso do aeroporto .
2. Função de exposição da vida selvagem na época de criação? E hoje , qual a função?
3. A partir dessa função, como analisa a administração ? Fácil ?
4. Por ser um zôo público, Qual a verba destinada e com que é gasta ? Só alimentação ?
5. A função de educação não está sendo exercida . Visitantes não recebem instrução de visitação, placas com informações pouco educativas (idade, procedência, sexo, número de indivíduos, espécies em extinção, silêncio) , ausência de monitores/fiscais, conscientização sobre silêncio .
6. Preocupação com a reprodução , intercâmbio com outros zôos . Recintos maiores .
7. Por não existir catracas , não é possível fazer uma estimativa do número de visitantes , mas como acha que as pessoas sentem essa relação com o mundo natural , sendo o zôo uma referência turística PÚBLICA de Uberlândia ?
8. Com certeza muitas pessoas iriam fazer visitação noturna para observar o comportamento dos felinos ou do lobo guará . Por que não vemos propostas desse tipo em funcionamento ? Financeiro ou Profissional ? Que tipo de projetos já foram realizados e quais as prioridades de melhoria ?
9. Como explicaria o motivo de ir ao zoológico e quais sensações são despertadas durante a visitação ?

## **Tipo II**

- 1.Sabe qual foi o primeiro plantel ? O motivo de criação do zoológico dentro do parque?
- 2.Quais são as funções do tratador e quem passa as orientações para ele?
- 3.Qual a função que vê no zoológico? Acha que está sendo exercida?Educação Ambiental?
- 4.Com qual animal tem mais afeto? Acha que os bichos são bem alimentados?Sofrem?
- 5.Como percebe a situação de cativo? Acha os recintos adequados?Procedência dos animais ?
- 6.Acha que os visitantes são bem comportados? Costuma achar muita coisa nos recintos?
- 7.Quais informações sabe sobre a administração da Futel. Por exemplo, onde são feitas as compras e quanto em média são os gastos ?Há interesse em investimentos de melhoria das condições ?Acha que deveria ser paga a visitação?
- 8.Já visitou/trabalhou em outro zoológico? Está sabendo das mortes no zôo de SP e de Brasília ? Lembra das mortes no zôo de Uberaba causado por abelhas que um tratador jogou pedras ?
- 9.Como analisa a relação das pessoas ( uberlandenses ) em geral com os animais? Acha que os visitantes são bem comportados? Costuma achar muita coisa nos recintos?
- 10.Enquanto funcionário, gosta da função, estaria disposto a ajudar na melhoria de relações e condições do zôo. Sugestões .